

# Não vou perdoá-los

Mathieu Yon

**Julie perdeu a mãe em alguns dias. Após contrair os primeiros sintomas do Covid-19, Danielle foi hospitalizada, e a partir daquele momento –com uma violência sem precedentes e vestida de lei– seu corpo não lhe pertencia mais.**

Julie pegou o carro para ir ver a mãe, para estar com ela nesse momento decisivo. Mas o médico disse a ela que não poderia vê-la, que ela só poderia ver seu corpo antes de ser colocada, sem banho ou cuidados, em uma bolsa mortuária. Então, ela esperou na sala anônima de um hotel de beira de estrada. Ela assistia TV, confinada ao luto impossível de fazer. Ela desceu para pedir uma refeição, uma taça de vinho. Ela esperou enquanto sua mãe também esperava em sua cama de hospital. E então ela recebeu uma ligação. Ela estava morta. Ela poderia ir ver o corpo. Isto lhe foi apresentado como uma flor, um privilégio. Então ela foi ver sua mãe, o corpo dela ainda quente. Ela teve que colocar luvas, uma máscara. Ela foi capaz de dizer adeus e começar a perceber o que o nosso mundo queria lhe roubar: o amar sua mãe.

Ela voltou para o quarto de hotel, ainda anônimo. Começou a organizar o funeral: carteira de identidade, livro de família, escolha de caixão, urna. Ela ligou para vários agentes funerários. Ela ligou para quase todos. Todos responderam a mesma resposta inaudível, impossível e desumana. Você não poderá ver o corpo de sua mãe novamente, não poderá seguir o caixão na funerária, não poderá assistir à cremação, não poderá celebrar o funeral. Você pode pegar a urna em duas semanas.

Não se trata mais de contagiosidade. Não estamos mais falando sobre coronavírus aqui. Você pode levar seu carrinho ao supermercado, mas não pode acompanhar o caixão de sua mãe. Você pode ir de carro para o trabalho, plantar batatas, consertar carros, transportar mercadorias,

entregar encomendas, abastecer-se com gasolina, pegar a estrada, o trem ou até o avião. Podemos sair de Paris, fazer um aluguel de temporada, mas não podemos dizer adeus à nossa mãe, não podemos assistir à cremação, não podemos ler um último poema para ela, na frente de alguns parentes. Não tem nada a ver com coronavírus. Vem de nós, da nossa desumanidade nascente.

Somos despojados de nosso falecido. O estado e suas heurísticas do medo parecem ter conquistado o monopólio radical da morte. E não ouço voz, raiva ou fúria surgindo da rua. E não ouço reclamações. Passei o momento de admiração diante do retorno da natureza. O homem não se retirou do mundo, ele se retirou de si mesmo, cortou sua humanidade. Não enterrar seus mortos é enterrar sua própria vida.

Julie volta amanhã. Ela vai pegar a urna em duas semanas. Ela irá buscar seu luto e organizará um funeral quando o estado lhe der o direito. Um corpo ainda representa um valor de mercado: caixão, urna, funerária, serviço funerário. O luto, as lágrimas, o ritual, o calor humano, o coração, a alma, o coração partido, as lágrimas, as cicatrizes, a cólera, a raiva, não traz nada, não merece lugar em nenhum certificado de deslocamento. Mas foi seu coração que você deslocou! É o seu coração que você esqueceu de rubricar.

Julie vai às compras, ela tira o lixo, ela vai colocar gasolina, talvez ela vá ajudar nos campos. Sua dor, ela vai lidar com isso mais tarde. Quando ela não tiver mais tempo para cuidar disso. Quando todos tivermos esquecido, quando todos quisermos esquecer. Ela lerá um poema, talvez na casa funerária onde sua mãe foi cremada. Talvez veremos o fogo, e fingiremos que a mãe dela acaba de morrer, como se pudéssemos nos despedir dela, como se pudéssemos acompanhá-la, segurar a mão dela, apertá-la, beijar sua testa, como se tivéssemos ouvido seu último suspiro, como se tivéssemos sido capazes de lamentar. Mas seremos capazes de agir como se? Como ousamos empurrar carrinhos de compras e abandonar nossos mortos? Como ousamos deixar as pessoas morrerem sozinhas? Como ousamos olhar para outro lugar? Quem tem autoridade para nos dizer como acompanhar nossos mortos? Quem tem autoridade para nos proibir um gesto, um luto, um sussurro?

Não vou perdoá-los por deixar os mortos morrerem. Não vou perdoá-los por machucar minha parceira. Não vou perdoá-los por sua desumanidade vestida de emergência médica. Vocês querem que eu escute os pássaros, assista as baleias nos riachos, vocês querem que eu assista séries, leia livros. Vocês querem que eu medite sobre o significado da existência. Aqui está minha meditação metafísica: vocês são cães cegos pisoteando em nossas almas no asfalto do progresso. Vocês são os fantasmas de um mundo mortal destruindo nossos sonhos. Vocês têm praticamente o monopólio radical da morte, não vou deixar para vocês o monopólio da vida.

13/04/2020

lundimatin [https://lundi.am/Je-ne-vous-pardonnerai-pas?fbclid=IwAR0Z8T9j3Qg8XS3iPwaiw0Gnftkv-6G2P4vko6gHBLZmdaQk4C5\\_Cim3Qds](https://lundi.am/Je-ne-vous-pardonnerai-pas?fbclid=IwAR0Z8T9j3Qg8XS3iPwaiw0Gnftkv-6G2P4vko6gHBLZmdaQk4C5_Cim3Qds)  
**Beatriz Toledo** [tradução]